

³⁸ Cf M. AZEVEDO, "Contexto geral do desafio da inculturação", op. cit., p. 13-27.

³⁹ Cf H.-H. GADAMER, *Verdad y método*, Sígueme, Salamanca 1977; P. RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, Seuil, Paris 1969; ID., *De l'interprétation*, Seuil, Paris 1969; ID., "Sciences humaines et conditionnements de la foi", in AA.VV., *Dieu aujourd'hui*, Semaine des intellectuels catholiques, DDB, Paris 1969, p. 147-156; ID., "Pour une prédication au monde", in AA.VV., *L'Église vers l'avenir*, Cerf, Paris 1969, p. 147-156.

⁴⁰ Cf P. SUESS, No Verbo se fez Carne, o Evangelho se faz cultura, *REB* 54/213 (1994) 36-49; AA.VV. Evangelho e Culturas, *Estudos Bíblicos* n. 41, Vozes e Sinodal, Petrópolis/São Leopoldo, 1994.

⁴¹ Cf DV 21 §1 (a Tradição, com a Bíblia, é a suprema regra de fé); DV 9 §1 (deve ser reverenciada como a Bíblia).

⁴² DV §10.

⁴³ DV §9.

⁴⁴ Conceito usado por Paul Ricoeur.

⁴⁵ Cf T. H. GROMME, Inculturación: como proceder en un contexto pastoral, op. cit., p. 164-165.

⁴⁶ DV §8.

⁴⁷ Termo de origem grega "hermenéuein", utilizado a partir do século XVII no âmbito protestante e, a partir do século XVIII entre os católicos, para designar a reflexão sobre os métodos de interpretação bíblica e a sistematização desta reflexão. Com o termo se pretendia registrar a distinção entre "exegese", enquanto realização concreta da interpretação e "hermenêutica", enquanto investigação e formulação dos princípios e regras válidas para a interpretação das Escrituras. Hoje, o termo hermenêutica, com os trabalhos de Heidegger, Gadamer e Ricoeur, tem outro significado ou um significado mais amplo, como veremos mais adiante. Cf A. MARQUÊS, "Hermenêutica", em C. FLORISTÁN Y J.J. TAMAYO, *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, op. cit., p. 410-426, aqui p. 410-411.

⁴⁸ Cf T. H. GROMME, Inculturación: como proceder en un contexto pastoral, op. cit., p. 166.

⁴⁹ Cf A. GONZÁLEZ DORADO, op. cit., p. 409-410. Ver, também, L. BOFF, O conflito de dois modelos de Evangelização para a América Latina, op. cit., p. 357.

⁵⁰ Cf P. SUESS, "A disputa pela inculturação", op. cit., p. 116.

⁵¹ Isso não quer dizer que a nova interpretação não seja igualmente fruto de um ato de Igreja, em sintonia com o Magisterio e em relação aos elementos essenciais dos conteúdos da fé católica. Não se trata, aqui, nem de livre arbítrio, nem de livre interpretação, mas de compreensão da Mensagem revelada a partir das matrizes da própria cultura.

⁵² Cf P. RICHARD, Por una Evangelización liberadora de la cultura, op. cit., p. 33.

⁵³ Cf A. BRIGHENTI, A Igreja na América Latina. Mito, Realidade e Utopia, in *Diocese em Foco, Órgão Oficial de divulgação da Diocese de Tubarão*, outubro 1997, p. 6-21.

⁵⁴ Utilizamos o termo "utopia", no sentido de Thomas Morus, ou seja, uma verdade ou realidade possível, que ainda não foi historicizada.

* O Autor é Doutor em Ciências Teológicas e Professor de Teologia Sistemática no ITESC

Endereço do Autor:

Caixa Postal 5041- ITESC
88040-970 - FLORIANÓPOLIS, SC

Fraternidade e Educação

Mestres: Não basta saber

O posicionamento do Mestre Jesus no Evangelho de Lucas

Pe. Celso Loraschi*

No Projeto de Evangelização Rumo ao Novo Milênio, a Igreja, neste ano de 1998, nos propõe o estudo do Evangelho de Lucas. A Campanha da Fraternidade reflete sobre o tema "Educação" como um dos meios mais privilegiados para que as pessoas saiam da miséria. A prática de Jesus de Nazaré, que veio "para que todos tenham vida", nos indica caminhos para uma educação que nos liberta do egoísmo, defende e promove o direito à vida. Quero seguir aqui uma trilha, oferecida por Lucas, que pode nos levar a conhecer melhor o jeito de ser do educador Jesus numa sociedade marcada por profundos contrastes

sociais, onde massas enormes de seres humanos eram excluídas.

QUE DEVO FAZER?

Na obra de Lucas (Evangelho e Atos dos Apóstolos) encontramos seis momentos em que aparece a pergunta: *O que devo/devemos fazer?*: Lc 3,10-14; 10,25; 18,18; At 2,37; 16,30; 22,10. A pergunta revela uma relação discípulo-mestre. Mostra a disposição de quem quer aprender e colocar em prática os ensinamentos que vai receber.

Em At 2,37 são os "homens da Judéia e todos os que residiam em Jerusalém", que ficam tocados

com o discurso de Pedro após o Pentecostes: *Com o coração abalado ao ouvirem essas palavras, eles perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: Que é que nós devemos fazer, irmãos?...*

Em At 16,30 quem dirige a pergunta é o carcereiro da prisão de Filipos, onde se encontravam presos Paulo e Silas. Após a libertação milagrosa, pensando que os prisioneiros tivessem fugido, tomou da espada e ia suicidar-se. Mas Paulo gritou-lhe com voz forte: "Não faças nada de mal contra ti; estamos todos aqui". O carcereiro pediu luz, precipitou-se para o interior e, todo trêmulo, lançou-se aos pés de Paulo e de Silas. Depois, tendo-os feito sair, disse-lhes: **Senhores, que devo fazer para ser salvo?**

O terceiro momento em que aparece a pergunta em Atos dos Apóstolos (22,10) refere-se ao testemunho de sua conversão, que Paulo está dando diante dos judeus de Jerusalém: ... *Cai ao chão e ouvi uma voz que me dizia: 'Saul, Saul, por que me persegues?' Respondi: 'Quem és, Senhor?' Ele me disse: 'Eu sou Jesus, o Nazareu, a quem tu estás perseguindo'. Os que estavam comigo viram a luz, mas não escutaram a voz de quem falava comigo. Eu prossegui: 'Que farei, Senhor?'*...

As respostas dadas a estas perguntas são sempre um apelo à conversão e um convite ao batismo. No Evangelho, Lucas coloca a pergunta na boca das multidões que se dirigem a João Batista: *E as multidões o interrogavam: "Que devemos fazer?"... Alguns publicanos também vieram para ser batizados e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer?"... Os soldados, por sua vez, perguntavam: "E nós, que devemos fazer?"... (3,10-14).*

Nos outros dois momentos a pergunta é dirigida a Jesus por um *legista* (10,25) e por um *certo homem de posição* (18,18). Estas duas passagens proponho-me aprofundá-las neste espaço, tendo presente o tema da Campanha da Fraternidade deste ano.

O MESTRE JESUS E O DOUTOR DA LEI

Dissemos acima que a pergunta "o que devo/devemos fazer?" demonstra a atitude de quem deseja aderir ao ensinamento do mestre. Isto parece ser verdade em todos os outros momentos, menos nos dois em que a pergunta é dirigida a Jesus (Lc 10,25 e 18,18). O legista, mestre em leis e um dos dirigentes de Israel, dirige-se a Jesus para "experimentá-lo" (para pô-lo à prova). Qual seria exatamente a intenção dele ao "experimentar" Jesus? Seria para adulá-lo e ganhá-lo para a classe religiosa do templo? Seria para apanhá-lo em algum ponto contraditório às sagradas leis de Moisés? Seria para estabelecer um debate e medir a capacidade argumentativa de um e de outro perante os discípulos de Jesus? Na verdade, Lucas parece estar mais interessado em demonstrar um caminho novo, apontado pelo mestre Jesus.

A pergunta do doutor da lei: "Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna", está abrindo uma ótima oportunidade para Jesus explicitar suas convicções de um bom judeu, conhecedor de suas leis e tradições, constitutivas do povo de Israel. Jesus, porém, não entra por este caminho. Devolve-lhe a pergunta: "O que está escrito na lei? Como lê?" A resposta é de quem tem o catecismo bem decorado. O legista recita não só o *Shemá Israel* (ouve Israel) de Deuteronômio 6,4, declaração básica do monoteísmo israelita, mas acrescenta a referência ao próximo, tirada de Levítico 19,18. Jesus reconhece: "Respondeste corretamente". O advérbio gr. *orthôs* (corretamente) mostra a competência admirável daquele teólogo, doutor em leis. É uma competência, porém, no nível do saber. O que o doutor, certamente, não esperava, foi o imperativo de Jesus: "Faze isso e viverás". É como se dissesse: "você tem a ortodoxia, mas lhe falta a ortopraxia".

Jesus está remetendo a uma prática correta. Não fala da "vida eterna" que era a principal preocupação daquele doutor descomprometido com o mundo do lado de cá, mas reafirma o caminho da vida pelo amor a Deus e ao próximo. Toda ação tem a ver com relações... O próximo? "Quem é o meu próximo?", continua a questionar o legista, agora para se justificar, tentando escapular da armadilha em que se meteu.

O Mestre Jesus lhe propõe uma parábola, um método de educação que tem o poder de levar os ouvintes a tirar conclusões por si próprios. O centro da parábola é "um homem", uma pessoa sem nome, aí colocado para representar todas as pessoas em situações parecidas. "Um homem", vítima de assalto, semimorto, abandonado... Jesus, que antes de ser educador deixou-se educar no Projeto do Pai, Deus dos pobres, revela nesta parábola uma aguda percepção da realidade econômica, política, social e religiosa.

Denuncia o sistema de exclusão e subverte os valores estabelecidos pelos senhores do Templo, aqui representados pelo sacerdote e o levita. Ambos "viram" o homem abandonado e ambos "passaram adiante". Este modo de ser, porém, será vencido pela solidariedade do samaritano, representante do povo mais odiado pelos religiosos judeus, idealizadores

do sistema do puro e do impuro. Deste povo, diz o

"O centro da parábola é 'um homem', uma pessoa sem nome, aí colocado para representar todas as pessoas em situações parecidas"

Eclesiástico: *"Há duas nações que minha alma de- testa e uma terceira que nem sequer é nação: os habitantes da montanha de Seir, os filisteus e o povo estúpido que habita em Siquém"* (Eclo 50, 25-26). É deste "povo estúpido" que Jesus extrai o modelo de amor a Deus e ao próximo.

OS PASSOS DE UMA EDUCAÇÃO QUE LIBERTA

A figura do samaritano que Lucas insere nesta parábola da solidariedade é a descrição figurada da própria pessoa de Jesus. A sua vida foi pautada por atitudes "samaritanas". Por isso, o Mestre e Senhor da vida nos mostra um caminho que pode ser aplicado perfeitamente à educação. Sigamos os passos do samaritano como relata a parábola:

1. *"Certo samaritano em viagem..."*. Não sabemos de onde veio nem para onde vai. Está montado. Leva produtos. Provavelmente em viagem de negócios. Tem seus planos. Não é por acaso que passa por aí como aconteceu com o sacerdote e o levita...
2. *"Chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão..."*. Três verbos carregados de sentido histórico. Faz lembrar o Deus do Êxodo que "viu, ouviu e desceu" para libertar o povo da escravidão do Egito. Ele se aproxima do ferido. O sacerdote e o levita não o fizeram porque não podiam: eram fiéis às suas normas de pureza. Deviam evitar qualquer espécie de contaminação. Há uma clara oposição entre o Templo (morada oficial de Deus) que exclui, e aquele "lugar" onde o marginalizado é acolhido e atendido. É ele agora o "lugar" onde Deus manifesta a sua presença compassiva. O samaritano já é um marginalizado do sistema religioso oficial. Ele não tem nada a perder. Vai junto ao homem caído e "moveu-se de compaixão". O verbo gr. *"splanchnízomai"* designa a compaixão divina, sentimento que nasce de uma comoção visceral, mexendo com o mais profundo do ser, próprio da divindade encarnada na situação da humanidade sofrida. Recorda o Deus que desce para fazer justiça e libertar seu povo. Várias vezes os evangelhos situam Jesus agindo "movido de compaixão".
3. *"Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho"*. Só quem se aproxima conhece e se envolve com a situação do outro. Não basta "ver", como via o mestre da lei, interlocutor de Jesus e como viram o sacerdote e o levita. O samaritano dobra-se sobre o necessitado e cuida de suas chagas. Amar a Deus e ao próximo não é

uma questão de sentimentos: sua compaixão se torna ação processual para fazer viver aquele que fora despojado, espancado e deixado semimorto. Para isso, dedica-lhe o seu tempo, reformula os seus planos e oferece-lhe os seus bens...

4. *"Colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados"*. O amor ao próximo não pode ser parcial, segundo a proposta de Jesus. Ou ele é comprometido até o fim ou deixa de ser amor. Também não há mais "propriedade privada" para quem ama. Seu meio de transporte é coletivizado. Mais ainda: o dono do animal põe o homem necessitado sobre a sua própria montaria. Ele agora vai a pé. A prioridade dos recursos é de quem mais necessita deles. Conduze-o ao lugar de recuperação da vida. Para isso, dispensa-lhe os cuidados necessários. Está pessoalmente envolvido com aquele ser humano sem nome, sem palavra, sem reação...
5. *"No dia seguinte, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'"*. Os dois denários são o equivalente ao pagamento de duas diárias. Não teria já se dedicado suficientemente este samaritano? Lucas quer levar seus leitores à compreensão do mais profundo da prática de Jesus que vem inaugurar uma nova história: trata-se de um movimento pelo qual nós mesmos nos fazemos o próximo dos necessitados e excluídos. Um movimento que nos empenha inteiramente até o fim.

TUDO ENTENDIDO?

"Ambos possuem conhecimento da lei e, portanto, são mestres. A ambos, porém, falta-lhes a prática do amor"

O legista mostra que entendeu a mensagem. O próximo é *"aquele que usou de misericórdia"*. O termo gr. *"éleos"* designa a bondade de Deus para com os oprimidos, tema muito caro para Lucas. A última palavra de Jesus neste episódio faz ressoar novamente o imperativo à ação: *"Vai, e também tu fazes o mesmo"*. Trata-se justamente do caminho do próprio Jesus que ele escolheu seguir resolutamente até o fim (cf Lc 9,27). Trata-se do caminho da

solidariedade ativa, a partir dos marginalizados, que as comunidades cristãs primitivas eram convocadas a seguir.

De fato, este diálogo, entre os dois mestres, explicita as cosmovisões em conflito na época da redação do evangelho de Lucas. Os verbos aí colocados denunciam duas práticas antagônicas:

- O sacerdote e o levita:**
- viu-o;
 - passou adiante.
- O samaritano:**
- chegou junto dele;
 - viu-o;
 - moveu-se de compaixão;
 - aproximou-se;
 - cuidou de suas chagas;
 - derramando óleo e vinho;
 - colocou-o em seu próprio animal;
 - conduziu-o à hospedaria;
 - dispensou-lhe cuidados;
 - tirou dois denários;
 - deu-os ao hospedeiro, dizendo:
 - cuida dele...

Na verdade são as duas propostas bem distintas: a *oficial*, a partir do sistema do Templo e do Império, e a *comunitária*, a partir de Jesus e seus seguidores e seguidoras. Enquanto aquela privilegia a ortodoxia a serviço de uma pequena elite que discrimina e exclui, esta privilegia a ortopraxia a serviço da vida de todos, sem exclusão.

O MESTRE JESUS E O HOMEM DE POSIÇÃO

A segunda vez que aparece, em Lucas, a pergunta dirigida a Jesus: *"Que devo fazer"* é no c. 18,18. Desta vez ela é feita por *"um certo homem de posição"*. Tem a mesma formulação de Lc 10, 25, com o acréscimo do adjetivo *"bom"* à palavra *"mestre"*. A pergunta refere-se igualmente à maneira de herdar a vida eterna. Este "certo homem" não se dirige a Jesus para pô-lo à prova, como fez o legista. Não há indícios de que ele seja da elite do templo. Mas é conhecedor da Lei de Moisés. Não parece ser bem intencionado. Tem um jeito de quem quer bajular Jesus (*"bom Mestre"* ou *"Mestre insigne"*). Talvez seja por isto que Jesus ressalva que só Deus é bom, e lhe responde sem rodeios, lembrando os mandamentos. Tanto no caso anterior como neste, Jesus usa linguagem semelhante: "Você já sabe a resposta..." Lá, o legista resumiu as duas tábuas do Decálogo no amor a Deus e ao próximo. Aqui, Jesus lembra só os mandamentos da segunda tábua, referentes unicamente ao amor ao próximo. É como se Lucas estivesse lembrando às comunidades e, sobretudo, aos ricos: "O que devemos fazer é respeitar a vida do próximo nas suas necessidades e na sua dignidade. Este é o caminho da vida que o bom Deus quer para todos"... E aquele "certo homem de posição", diz-lhe que tudo isso ele os tem guardado desde a juventude. Jesus o ouviu e complementou de um jeito que ele também, certamente, não esperava: *"Uma coisa ainda te falta. Vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me"*.

Não sabemos o que fez o especialista em leis, do episódio anterior, após ouvir o *"vai e faze o mesmo"* de Jesus. Agora, no entanto, Lucas deixa claro:

"Ele, porém, ouvindo isso, ficou cheio de tristeza, pois era muito rico."

Pelo seu stáтус econômico, este homem possuía uma posição social de destaque. Ele é um "magistrado" do ponto de vista civil. Como Israel era uma "teocracia", a lei religiosa era também a Constituição política do povo.

Portanto, os dois momentos em que é dirigida a pergunta ao "Mestre Jesus" (Lc 10,25 e 18,18) estão estreitamente ligados não só pela formulação semelhante da pergunta, mas também pelas características dos dois interlocutores: um é legista, teólogo do templo e o outro é "magistrado", economicamente rico. Ambos ocupam posição de destaque na sociedade. Ambos possuem conhecimento da lei e, portanto, são mestres. A ambos, porém, falta-lhes a prática do amor. É para este ponto que Lucas quer chamar a atenção dos seus leitores, amigos de Deus ("teófilos").

AS COMUNIDADES DE LUCAS

Lucas escreve em Antioquia da Síria, a terceira cidade do império romano, grande centro comercial, formada por povos de diversas culturas. As comunidades cristãs aí organizadas sofriam a influência de mentalidades diversas, sobretudo dos ricos e poderosos. Com seu evangelho, Lucas quer ajudar estas comunidades a terem o discernimento do verdadeiro caminho da vida que o ensinamento e a prática de Jesus revelaram.

Os dois episódios aparecem dentro do quadro da caminhada de Jesus rumo a Jerusalém (9,51-19,27). É neste contexto que Lucas expõe a "catequese" de Jesus aos seus discípulos. Antes de iniciar esta caminhada, Jesus realiza seu ministério na Galiléia, mostrando sinais inequívocos de sua identidade, até que os discípulos o reconhecem como o Messias. Porém, a mentalidade dos seguidores de Jesus continua fechada, nacionalista e fanática. Querem um Messias poderoso e triunfalista; revelam posicionamentos de disputa de poder e atitudes de dominação, querem descomprometer-se com as necessidades das pessoas, mandando-as embora quando famintas etc.

A "subida a Jerusalém" é o tempo da formação de uma nova consciência. Entre os itens essenciais desta formação está "o amor ao próximo" que se revela pela prática da partilha dos bens a serviço da vida dos pobres. Aliás, este tema perpassa toda a obra de Lucas. Vejamos, por exemplo, o que João Batista responde a quem se dirige a ele com a pergunta: *"O que devemos fazer?"*. Ao povo ele diz: *"Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo"*. Aos publicanos, diz: *"Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito"*. Isto seria recolher apenas os

"Isto provoca a adesão ao projeto não por 'obrigação' (atitude de dependência) e sim por 'convicção' (atitude de responsabilidade)"

impostos estipulados (que já era uma exorbitância). Aos soldados, João Batista diz: "A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo". Lembremos o "Evangelho da Infância", onde os protagonistas

principais são os excluídos. Lembremos o "Magnificat". Lembremos o gesto de partilha de Jesus no episódio da multiplicação dos pães. Lembremos todo o seu ministério radicalmente voltado em favor da promoção da vida dos pobres e com fortíssimas críticas aos ricos. Lembremos a vida das primeiras comunidades, retratada em Atos dos Apóstolos, onde os bens eram repartidos segundo a necessidade de cada um...

O EDUCADOR JESUS - INTERPELAÇÕES PARA HOJE

Há muitas estradas que levam até Jesus-Mestre no evangelho de Lucas. Entrei por aquela apontada pela pergunta: "O que devo fazer?" Descobri alguns traços que marcam o educador Jesus. Traços estes que podem nos ajudar em nossa prática educativa:

1. *O lugar social.* Nos dois textos estudados aparecem o homem assaltado e os pobres como os destinatários preferenciais das ações de caridade. São eles, os necessitados e excluídos, a base social da convivência de Jesus. Ligando com o conjunto do evangelho de Lucas, vamos encontrar Jesus na companhia constante de multidões famintas, doentes, possessos, mulheres, crianças, pecadores... No meio dessa gente Jesus vai fazendo sua opção preferencial, tomando consciência de sua missão e elaborando o seu programa de ação (cf Lc 4,14-21).
2. *O excluído, solidário com o excluído.* O samaritano era de uma raça detestada pelos homens do sistema religioso de Jerusalém. Porém, é ele quem vê, aproxima-se, tem compaixão e toma todas as providências para devolver a vida ao semimorto. É o oprimido quem socorre o oprimido. Torna-se o sujeito da nova história. O samaritano é a figura de Jesus, rejeitado pelo Templo, e que se torna a "pedra angular".
3. *A lógica do dom e da gratuidade.* A lógica da sociedade do tempo de Jesus era a defesa do pres-

tígio, da fama, do poder, do acúmulo, dos planos e interesses pessoais de uma minoria... O samaritano não está enquadrado neste modo de pensar e agir. A nova história que Jesus vem inaugurar, é construída pelas atitudes de doação gratuita a quem necessita.

4. *Da oficialidade para o popular.* Enquanto o doutor da Lei, o sacerdote, o levita e o magistrado se comportavam como pessoas "de bem", segundo as normas institucionais, jamais poderiam compreender profundamente o valor da vida humana. Eram pessoas que pautavam suas vidas de acordo com o oficialmente determinado. Assim, servindo à instituição, esqueciam-se do essencial: a misericórdia. "Cegos guiando outros cegos" (cf Mt 15,14) não enxergavam além dos seus próprios interesses e conveniências. Jesus seguiu por outro caminho...
5. *Tudo a serviço da vida.* A exemplo do samaritano, a administração dos bens, os planos e a disposição do tempo, os conhecimentos e os dons pessoais devem ser orientados para conservar, defender e promover a vida dos excluídos.
6. *Falar a língua dos pobres.* O jeito de Jesus ensinar e se comunicar com as pessoas é a partir do mundo dos excluídos. Ele se faz entender pelos simples e pequeninos. Conta histórias tiradas da realidade do cotidiano do povo sofrido e explorado. Presta atenção ao que cada um fala, dialoga, valoriza, corrige, aprofunda...
7. *Identificação da pessoa com a mensagem.* Jesus mesmo é Projeto de Deus encarnado. Nele se revela uma autoridade e um ensinamento totalmente diferentes daqueles dos escribas e fariseus. Um ensinamento e uma autoridade sem imposições. A verdade e o amor se impõem por si mesmos.
8. *Obrigação versus convicção.* A pedagogia de Jesus leva seus interlocutores, discípulos e discípulas, a refletir e tirar conclusões por si próprios. Isto provoca a adesão ao Projeto não por "obrigação" (atitude de dependência) e sim por "convicção" (atitude de responsabilidade). Além do mais, a prática nova ou o seguimento à Proposta de Jesus envolve liberdade. O homem de posição preferiu não seguir, infelizmente. O legista, provavelmente, também não.
9. *Prática comunitária.* Sabemos que Lucas escreve para comunidades concretas que vivem tensões, conflitos, incompreensões... São grupos de pessoas que se propõem a caminhar juntas no Projeto de Vida que Jesus inaugurou. O próprio Jesus formou uma comunidade e com ela caminhou com paciência, carinho e misericórdia... As perguntas: "O que devo/devemos fazer", bem como os relatos de Lucas, retratam os questionamentos e reflexões das próprias comunidades lucanas. O "samarita-

no” pode ser visto também como sendo a prática das comunidades, seguidoras de Jesus.

BIBLIOGRAFIA

- RIUS-CAMPS, Josep, *O Evangelho de Lucas*, Paulus, São Paulo, 1995 (trad.).
- L'EPLATTENIER, Charles, *Leitura do Evangelho de Lucas*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1993 (trad.)
- ALANCASTRO, Ricardo S., *O bom Samaritano: parábola da solidariedade*, in RIBLA, n.16, Vozes (Petrópolis) e Sínodal (São Leopoldo), 1993.
- ASSIS LIMA, Cyzo, *Os samaritanos: os oprimidos como primícias do Reino*, in “Estudos Bíblicos”, n. 27, Vozes, Petrópolis, 1990.

DALBER, João, *Os excluídos na Teologia de Lucas*, in “Vida Pastoral”, n. 180, Paulus, 1995.

* O Autor é Mestrando em Teologia Bíblica na Fac. da Assunção, SP e Professor de Exegese Bíblica no ITESC.

Endereço do Autor:

Paróquia São Cristóvão
BR 116, km 147 - bairro Cidade Alta
88516-600 LAGES, SC

Fraternidade e Educação

Um Só é vosso Mestre

(Mt 23,8)

Pe. Ney Brasil Pereira*

ACF-98, focalizando a **educação**, e educação “a serviço da vida e da esperança”, no seu conceito abrangente, mais que a educação formal, não pode deixar de focalizar também a figura do mestre, o professor, o educador, aquele que, queiramos ou não, desempenha papel tão importante no processo educativo. E isto, apesar do axioma de Paulo Freire, que, num contexto polêmico, para acentuar o papel primordial do próprio educando, que “se educa a si mesmo”, parece negar a posição do educador: “Ninguém educa ninguém”... A propósito, já o profeta Jeremias, ao anunciar a Nova Aliança, vislumbra uma situação assim, em que *ninguém mais terá que instruir seu próximo ou seu irmão* (Jr 31,34)... situação que o presbítero João reconhece como já realizada na sua comunidade: *Vós, irmãos, que recebestes a Unção que vem do Santo, já possuíis todos o conhecimento... e não tendes necessidade de que alguém vos ensine* (1Jo 2,20.27)... Mas então, não precisamos mais de mestres? Onde fica a figura do educador?

Numa linha semelhante à da profecia de Jeremias e da constatação da primeira carta de João, embora reafirmando a posição do “único Mestre”, o evangelho segundo Mateus nos apresenta a famosa palavra de Jesus contra *os que gostam de ser chamados de “Rabi”*, isto é, “meu Mestre”:

(8) *Quanto a vós, não vos façais chamar de Rabi, pois um só é o vosso Mestre, e todos sois irmãos.*

(9) *A ninguém na terra chameis de Pai, pois um só é o vosso Pai, o que está nos céus.*

(10) *E não vos façais chamar de Educadores¹, pois um só é o vosso Educador, o Cristo.*

(11) *Antes, o maior dentre vós será o vosso servo* (Mt 23, 8-11)...

Neste v. 11, parece-me, está a chave do ensinamento de Jesus: Ele não podia negar a necessidade de mestres, educadores, professores, na convivência social, como também não podia negar a necessidade de chefes, líderes, de pessoas que ocupem “o primeiro lugar” (cf Mc 10, 43-44)... Mas insistia no espírito de serviço, que transforma a autoridade em servidora, que faz o *Mestre e Senhor* “lavar os pés dos discípulos” (cf Jo 13,14), e faz também do “maior” *aquele que serve a todos* (cf Mt 23,11). De resto, esta censura aos mestres oficiais de então era também um alerta aos discípulos contra a recepção demasiado passiva, pouco crítica, do ensinamento de quem quer que seja. Para aprofundarmos, pois, esta palavra de Jesus, começaremos por uma descrição do conceito de “Rabi”, seguindo-se a contextualização e a análise da perícopes de Mt 23, 8-11, para concluirmos com a caracterização do “único Mestre”.